

A TRAJETÓRIA DO HOMEM DE AÇO: A MITOLOGIA DO PRIMEIRO SUPER-HERÓI DOS QUADRINHOS

Vanderlis Legramante Barbosa (UFMS)

vanderlis1@yahoo.com.br

Eluiza Bortolotto Ghizzi (UFMS)

eluziabortolotto.ghizzi@gmail.com

RESUMO

Publicado em 1938, por Joe Shuster e Jerry Siegel, *Superman* tornou-se o primeiro super-herói do gênero e, mesmo com mais de 80 anos, é o mais conhecido personagem das histórias em quadrinhos. O que muitas pessoas não sabem é que, antes disso, o personagem apareceu como vilão, cientista louco, careca e com poderes mentais, inspirado pela ideia de *Übermensch* (“além do homem”, em alemão), de Nietzsche; como tal, representava um homem “além do bem e do mal” (BARKMAN, 2014). Essa concepção apoiada no conceito nietzschiano de um super-homem encontrou, na maior parte dos judeus e cristãos, uma reação negativa. Dessa forma, Siegel e Shuster escreveram, em 1933, uma pequena história chamada “O Reino do Super-Homem”, fazendo com que a palavra “Super-Homem” diferisse da de Nietzsche, dando-lhe ares de “megalomaniaco voltado para a conquista global”. Em 1938, ele é publicado em sua versão mais conhecida, apoiada em uma perspectiva religiosa, envolvendo a mitologia do nome “Kal-El”, do hebraico, sugerindo uma conexão entre Deus e o Superman, uma vez que “El” significa “Deus” e “Kal”, “estrela”, o que levou à expressão “filho das estrelas”. Como Jesus, seu nascimento é apresentado em uma das histórias como tendo sido anunciado pela estrela de Belém (GOMES; BARBOSA, 2019). Em meio a essas mudanças, Weldon (2016) e Morrison (2012) entendem que algumas características, voltadas para o bem comum e para necessidades alheias, continuam imutáveis desde que passaram a fazer parte do perfil do personagem. Este artigo apoia-se em revisão de bibliografia para levantar dados sobre a trajetória do herói nos quadrinhos, como parte de uma pesquisa em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da UFMS, que pretende observar a trajetória do primeiro super-herói, suas múltiplas facetas nos quadrinhos, analisando as transformações que ocorreram no perfil do personagem desde 1933.

Palavras-chave:

Origem. Quadrinhos. *Superman*.

ABSTRACT

Published in 1938 by Joe Shuster and Jerry Siegel, *Superman* became the first superhero of his genre and, even over 80, is the best-known character in comics. What many people do not know is that before it, the character appeared as a villain, crazy, bald, and mentally-minded scientist, inspired by Nietzsche's idea of *Übermensch* (“beyond man”); as such, he represented a man “beyond good and evil” (BARKMAN, 2014). This view, supported by the Nietzschean concept of a superman, found in most Jews and Christians a negative reaction. Thus, Siegel and Shuster wrote in 1933 a short story called “The Kingdom of Superman”, making the word “Superman” differ

from Nietzsche's, giving it the air of megalomaniac focused on global conquest. In 1938, it is published in its best-known religiously presented version, involving the mythology of the Hebrew name "Kal-El" suggesting a connection between God and Superman, since "El" means "God" and "Kal", "star", that is, "son of the stars". Like Jesus, his birth is presented in one of the stories as announced by the star of Bethlehem (GOMES; BARBOSA, 2019). In the middle of this changes, Weldon (2016) and Morrison (2012) understand that some traits, geared towards the common good and the needs of others, have remained unchanged since they became part of the character's profile. This paper relies on a literature review to gather data on the trajectory of the hero in the comic, as part of a research underdevelopment at the Graduate Program in Language Studies of UFMS, which aims to observe the trajectory of the first superhero, his multiple facets in the comics, analyzing the transformations that have occurred in the profile of the character since 1933.

Keywords:

Comics. Origin. Superman.

1. Introdução

Antes de analisar o processo de (re)construção do mais conhecido super-herói de todos os tempos, destaca-se a insistência de dois jovens *nerds*, apaixonados por ficção científica, em publicar histórias permeadas de aventura, emoção e combate ao crime. A consolidação desse desejo personificou-se nas atitudes de um herói investido de ideais de justiça, que, inicialmente, luta contra a corrupção de organizações criminosas e contra atos de covardia social. O perfil do Homem de Aço vai, aos poucos, sendo reconfigurado, o que não elimina a principal motivação que permanece imutável desde a primeira versão: a obstinação em proteger a humanidade. *Superman* é publicado em 1938 e, com ele, uma série de experiências aventurescas são compartilhadas a toda uma geração que cresceu acompanhando as peripécias de um super-ser que, com mais de 80 anos, ainda é reconhecido e reverenciado, tanto no universo das histórias em quadrinhos, como nos filmes e nas séries.

O que pouco se discute ou conhece é como esse herói teve sua origem, ou seja, antes de ser *Superman* e Clark Kent, como se deram as primeiras tentativas de criação e publicação do personagem até ser conhecido como a maior referência dos quadrinhos. Como ocorreu a evolução na formatação do perfil social e psicológico do personagem, desde sua primeira tiragem, e como o processo ilustrativo de composição gráfica do desenho foi adquirindo diferentes estilos no processo criativo. Todas essas questões levaram a discutir, neste trabalho, a criação do herói, conhecido como o Homem de Aço, em suas múltiplas facetas de origem nos quadrinhos, analisando as transformações ocorridas desde as primei-

ras produções, em 1933, até sua consolidação como o herói mais conhecido dos últimos tempos.

2. *Como tudo começou*

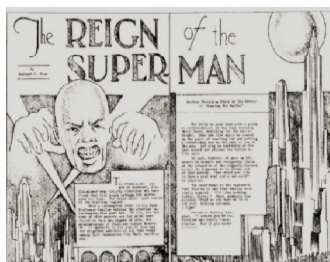
Quando alguém se remete a um super-ser mais resistente que o aço, extremamente veloz e forte, com poder de voar e com visão e audição aguçadas, não imagina como todos esses atributos foram sendo elaborados ao longo do trajeto pelo qual as versões passaram, ao longo da construção do primeiro super-herói dos quadrinhos, *Superman*. Ao analisar o percurso que os autores Jerry Siegel e Joe Shuster seguiram na composição do *Superman*, considera-se que o “protótipo” do herói era, na realidade, um personagem distinto ao que se configura atualmente como características e sinônimo da figura de um super-herói. Ou seja, inicialmente, *Superman* foi representado pela figura de um vilão, não comprometido aos conceitos de bondade, de justiça, de verdade e de proteção estabelecidos na personificação do Homem de Aço. Esses atributos foram sendo apresentados e acrescidos a partir de 1938, quando oficialmente é publicado e lançado no mercado como um super-herói.

Antes de chegar à *Action Comics* n. 1, dois jovens, Jerry Siegel e Joe Shuster, com perfis muito parecidos, por gostarem de ler obras de ficção científica e serem os típicos *nerds*, tímidos, se conheceram no colegial e acabariam estabelecendo uma forte ligação; se tornariam amigos e parceiros na engenhosa ideia de publicar uma história de superaventura que envolvesse ação e ficção, para isso, “Jerry enviou diversas ideias para revistas, mas as poucas respostas que recebeu eram cartas de rejeição” (VOLOJ; CAMPI, 2018, p. 44). Dessa forma, Jerry decidiu autopublicar uma revista com o título de *Science Fiction: The Advance Guard of Future Civilization* (Ficção Científica: a vanguarda da civilização futura), usando o mimeógrafo da escola. O conteúdo da revista era composto por “editoriais, críticas e história sob vários pseudônimos, tudo acompanhado pelas ilustrações de Shuster e outro colega do colégio; ele cobrava quinze centavos de dólar por exemplar” (WELDON, 2016, p. 21).

No que seria o segundo número da revista, Siegel publicou uma resenha sobre um romance de Philip Wylie, *Gladiator*, que tratava de uma história de ficção científica em que um dos personagens, um cientista, injetou uma experiência com um soro na esposa grávida, dando ao filho poderes sobre-humanos. Os pais sugerem ao filho que as habilidades sejam escondidas do restante do mundo. Entretanto, quando adulto o fi-

ho tenta usar seus poderes para ajudar seus amigos, mas é temido e odiado. No fim da história, ele confronta Deus e morre de pois de ser atingido por um raio (WELDON, 2016).

O resultado desse trabalho, teve grande influência na elaboração do que seria a primeira versão de um conto de ficção científica, de 1933, intitulado *The Reign of the Super-Man*, traduzido como *O Reino do Super-Man*. Nessa obra, o papel assumido pelo personagem foi o de um vilão megalomaniaco que queria dominar o mundo. Siegel criou um arquétipo cientista louco, o Professor Ernest Smalley, que escolhe o mendigo Bill Dunn para participar de uma experiência em troca de comida e roupa. Como resultado desse experimento, Dunn desenvolve poderes telepáticos, usados para cometer assaltos, realizar apostas e, até, chegar à manipulação da Bolsa de Valores. Com o gosto pelo poder, Dunn passa a usar o nome *Super-Man*.



Capa do conto ilustrado, *O Reino do Super-Man* como primeira versão do *Superman*.⁶⁴

Barkman (2014, p. 126) associa o nome e essa primeira versão de Supeman (cuja grafia ainda era *Super-Man*) ao conceito de *Übermensch*, cunhado por Nietzsche na obra *Assim fala Zaratustra*, traduzido nas publicações da obra em inglês como “Beyond-Man”, “Superman” e “Overman”. No texto nietzschiano, *Übermensch* significa uma meta para a humanidade, não se refere a um homem em particular, mas, a algo além (do homem), a um ser humano ideal. Um ser que “não se preocuparia com o que os outros dizem ser ‘bom’ ou ‘mal’”, acima do bem e do mal, guiado por uma necessidade de poder, independentemente do que tenha

⁶⁴ Disponível em: <http://twixar.me/WDnT>

que sacrificar para alcançar a “sua autorrealização” e “livre-arbítrio” (BARKMAN, 2014, p. 126). De acordo com Gomes e Barbosa (2019, p. 141), “ao desenvolver este conceito do super-homem, Nietzsche institui a oposição ao europeu moderno, domesticado, obediente, anestesiado, abarrotado de cultura, emperrado ao seu tempo”, o que de certa forma inspirou os autores na concepção do primeiro formato do viria, alguns anos depois, a transformar-se no maior super-herói dos quadrinhos.

Em *O Reino do Super-Homem*, contudo, o personagem “Super-Homem” de Siegel e Shuster é inspirado, mas, não fiel ao sentido de *Übermensch* de Nietzsche, já que segundo Barkman (2014):

O uso da palavra Super-Homem era uma clara alusão a Nietzsche, embora retratasse o super-homem de Nietzsche como um verdadeiro megalomaniaco voltado para a conquista global. Você deve ter acertado: o Super-Homem começou como proto-Lex Luthor e Lex Luthor era o que Siegel e Shuster pensaram que era a essência de Nietzsche e Hitler. De fato, ao fazer de seu Super-Homem um vilão, Siegel e Suster claramente tinham a intenção de subverter o conceito de Nietzsche. (BARKMAN, 2014, p. 127)

O conto ilustrado, *O Reino do Super-Man* também tem um final semelhante ao do romance científico que serviu de inspiração para Siegel. O personagem, depois de assassinar o cientista Smalley, é confrontado por um pacato repórter, chamado Forrest Ackerman, que “faz uma prece de salvação para o ‘Onipotente’, o soro perde o efeito, deixando apenas um ‘homem desiludido e caído’, duramente punido por seus atos” (WELDON, 2106, p. 22).

Ainda em 1933, os autores desenvolvem uma segunda versão, com o título de *The Superman* (sem hífen), na qual o personagem principal é chamado de *Superman* e assume a figura de um herói, distinto do vilão criado anteriormente. Nessa reelaboração do personagem, ele continuava sendo um ser humano, sem superpoderes, mas possuía características de um herói. Esta segunda versão já adota o formato dos quadrinhos (e não do conto ilustrado). Após Siegel ter visto o detetive Dan⁶⁵, um dos primeiros quadrinhos norte-americanos, escreveu uma história (*The Superman*), que Shuster desenhou, submetendo-a à mesma editora

⁶⁵ Dan Dunn foi o primeiro personagem fictício a fazer sua estreia em uma revista em quadrinhos norte-americano, tornando-se o precursor de muitos heróis. Criado por Norman Marsh, ele apareceu pela primeira vez em *Detective Dan, Secret Operative* No. 48, uma revista de 1933, Humor Publications, que foi cancelada após uma edição. Disponível em: <http://twixar.me/0DnT>.

que publicou Dan. No entanto, a história foi rejeitada pela editora e Shuster, desanimado, destruiu toda a arte original, restando apenas a capa.



Capa que restou da segunda versão o personagem *Superman*, em 1933.⁶⁶

Pela composição da capa dessa segunda versão, Weldon (2016, p. 22) observa que o herói em construção “ainda não é um lutador fantasiado contra o crime, é só um homem musculoso de regata justa e calça social levantando um criminoso sobre a própria cabeça”. De 1933 até 1938, os autores não tiveram êxito em publicar as histórias de *Superman*. Embora a editora de Detective Dan, *Humor Publications*, tivesse mostrado interesse em publicar a história do “personagem de ficção mais impressionante de todos os tempos” (VOLOJ; CAMPI, 2018, p. 59), não houve segundo volume de edição. Diversas tentativas de lançar o *Superman* em jornais e editoras foram rejeitadas. Enquanto isso, Siegel e Shuster realizavam trabalhos, pela editora *New Fun*, com a publicação de personagens como Doutor Oculto Spy. Em algumas situações venderam cartuns, cartões de Dia dos Namorados. Por algum tempo, frustrados com o número de rejeição dos projetos do *Superman*, afastam-se. Siegel tentou novas parcerias, mas, em 1938, Siegel e Shuster retomaram a dupla, inaugurando o que seria a chamada “Era de Ouro dos quadrinhos”.

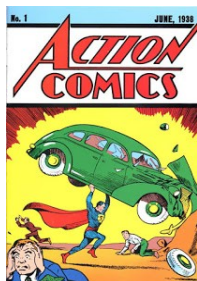
3. *Finalmente a origem*

A primeira aparição do *Superman* foi em 1938, na *Action Comics* nº 1, em uma publicação em formato de antologia, como diversas da

⁶⁶ Disponível em: <http://hqmemoria.com/?p=241#.XceOajNKjiU>

época. Assim, várias histórias eram publicadas em uma revista só, como por exemplo, na edição nº 1, havia onze, na nº 2, nove e assim por diante. Conforme Morrison (2012), essa publicação marcou o início da Era de Ouro das histórias em quadrinhos americanas. Esse período refere-se ao material produzido entre o final da década de 1930 e o final da década seguinte, aproximadamente. Alguns dos mais conhecidos super-heróis foram criados nessa época – além de *Superman*, Batman, Mulher Maravilha, Capitão Marvel e Capitão América.

Siegel e Shuster dedicaram a primeira página da edição nº 1 para a história da origem do herói. A primeira capa da *Action Comics* nº 1 teve como ponto central a figura do *Superman*, já vestido com roupa de malha justa, lembrando um macacão, azul, com sunga vermelha e com capa da mesma cor. Essa combinação é associada por Morrison (2012, p. 32) aos fortões de circo de 1930, que usavam “cuecas sobre as calças” como representação de “força e resistência ultramasculinas”. Outro ponto diferencial do herói foi a exibição de um logotipo próprio estampado no peito, em forma de S, “isso soava tão absolutamente individual, que usava a sua própria inicial como insígnia”. (MORRISON, 2012, p. 33) Assim, permeado de simbologia, surge o super-herói que marcou a origem dos quadrinhos.



Primeira capa da *Action Comics* com o *Superman*, em 1938.⁶⁷

Segundo Weldon (2016), a edição desse quadrinho explica a origem do herói de uma forma não tão detalhada quanto outras edições sobre a origem que se conhece atualmente. Originalmente, os quadros iniciais da obra esclarecem que um planeta (ainda sem nome) estava em perigo; e um casal, na tentativa de salvar o filho, ainda bebê, o coloca den-

⁶⁷ <http://twixar.me/FFnT>

tro de uma nave para enviá-lo para a Terra. Na sequência, há o resgate da criança, por um motorista, que encontra um foguete com a criança, levando-o para o orfanato. Em seguida, a criança dá sinais de grande força ao segurar um carro sobre a cabeça com uma das mãos. Logo há um salto temporal, mostrando-o já adulto, ainda sem nome e sem o traje azul, mas em ação, saltando prédios de até 200 metros (ele ainda não voava), correndo mais rápido que um trem expresso, levantando vigas de aço, sendo ressaltado na legenda que “nenhuma bala pode penetrar a pele do *Superman*” (WELDON, 2016, p. 31).

Surge então, na *Actions Comics* n. 1, a figura do super-herói, segundo Morrison (2012, p. 24) é mostrada como “defensor dos oprimidos, a maravilha física que jurou dedicar sua existência a ajudar os necessitados!”. A ilustração da capa da *Action Comics* n. 1, cria suspense de suspense e interrogações. Quem seria o personagem que levanta um carro sobre a cabeça? Por que ele toma esse tipo de atitude? Quem seriam as pessoas que reagem de forma tão assustadora? Esses e outros questionamentos seriam para Morrison (2012, p. 24) as indagações dos leitores acerca da apresentação do novo personagem. Para o autor, a imagem da capa foi “um truque esperto que nos serve de isca”, uma vez que desperta a curiosidade para ler a obra, para então, compreender a situação inicial tão extravagante em relação à ação sugerida. “Somente lendo a história poderemos colocar a imagem no contexto”. Morrison (2012, p. 25) ainda destaca que só essa abertura curiosa e incomum já valeria o os dez centavos de dólares de “qualquer leitor sedento por fantasia durante a Grande Depressão”. Faz esse comentário referindo-se ao contexto social do mundo após a Quebra da Bolsa de Valores, em 1929, repercutindo em um período de grande recessão, em que as linhas de produção estavam dispensando operários em todo o mundo industrial.

Se as perspectivas distópicas da época previam um mundo desumanizado, mecanizado, *Superman* sugeria outra possibilidade: a imagem de um amanhã decididamente humano, que entregava o espetáculo do individualismo triunfante exercendo sua soberania sobre as forças implacáveis da opressão industrial (MORRINSON, 2012, p. 23).

É nesse período de retração sócio-econômica que a versão inicial do personagem *Superman* nasce, Weldon (2016, p. 33; 38) caracteriza o perfil inicial do herói agindo de forma “impaciente, propenso a ataques de raiva e violência”, destacado por atitudes radicais, sendo definido como um “cara durão em uma cidade não identificada que gostava de espancar valentões e não tinha problema algum em castigar criminosos, se

assim conseguisse o que queria”. No entanto, essa visão de “paladino da justiça” era contrastada com a identidade criada para se disfarçar, a pacata e acovardada figura de Clark Kent, um repórter do *Estrela Diário*, que só passa a se chamar *Planeta Diário* depois de dois anos de publicação, na *Action* n. 22, sem nenhuma explicação. A personificação do próprio personagem, Clark, também é modificada. Em uma das cenas iniciais do primeiro quadrinho, ímpetus de coragem e ousadia são revelados quando resolve cobrir uma história policial perigosa, “Olha, chefe, se eu não conseguir descobrir alguma coisa sobre esse *Superman*, ninguém consegue!” Mas, quando Lois Lane entra na história, há mudanças no temperamento e na postura do repórter, “Shuster o desenha diferente do que havia feito até aquele momento: ombros encurvados, queixo baixo, atitude de súplica” (WELDON, 2016, p. 34-5) Na realidade, até Lois Lane sofreu modificações no que se refere ao seu comportamento inicial mais ingênuo, doce, responsável por escrever sobre histórias com ênfase emocional e sentimental. Foi somente na primeira aventura da rádio, em 1939, que a personagem recebeu características mais competitivas e de caráter mais agressivo.

A figura covarde e passiva de Clark Kent é compreendida pelo contraste entre este e o personagem da ilustração da capa da *Action Comics* nº 1, um ser de capa com um S no peito e que tem sobre a cabeça um carro verde, pertencente a um grupo de malfeitores que queriam sequestrar Lois. Esse contraste é gerado pela sequência das cenas, pois esta (da capa) se passa depois de, durante um encontro que Lois teve com Clark Kent, ela ser assediada por um dos malfeitores enquanto dançava com Clark. Este, por sua vez, não reage, deixando-a irritada a ponto de ela mesma dar um tapa no rosto do importunador. Decepcionada, Lois vai embora de taxi e é seguida pelos bandidos no carro verde. Clark, como *Superman*, segue os bandidos que perseguem o taxi de Lois e a sequestram. *Superman* salva Lois e, em seguida, dá corpo à cena ícone da edição nº 1 dos quadrinhos. O herói chacoalha o veículo verde jogando todos os ocupantes para fora. Esse tipo de atitude é coerente com a personalidade do herói nas primeiras edições, quando resolvia as situações de forma mais violenta e agressiva.

Weldon (2016, p. 42) caracterizou o perfil da *Action Comics* nº 2 como trazendo “um *Superman* decididamente antimilitarista, muito diferente do superpatriota que se tornaria em poucos anos”. Nas publicações seguintes, nº 3 e nº 4, o Homem de Aço foge um pouco do padrão inicial; os enredos são marcados por uma versão voltada para disfarces a fim de

desvendar os crimes e organizações criminosas, enquanto a personagem Lois não aparece nas ações. Já na *Action Cominc* nº 5 há a fixação de alguns elementos que marcarão a trajetória do herói nos demais enredos: a crise contra o tempo, o herói se vê sempre em situações em que a vida das pessoas dependem de decisões e atitudes muito rápidas; Clark é contratado para cobrir as histórias, sobretudo as que envolvem o *Superman*; Lois é apresentada como a repórter artilosa e competitiva; cenas de ação com ousadas façanhas do *Superman* resgatando Lois, sempre em situações de perigo. E é nessa *Action* nº 5 que *Superman* aparece com o traje completo como qualficou conhecido por bastante tempo, com as botas vermelhas substituindo os pés das meias azuis das edições anteriores⁶⁸. Já o poder da superaudição é apresentado na *Action Comics* nº 8. A visão de raio X é mencionada na *Action Comics* nº 11 e, na nº 12, ele é trazido como o Homem do Amanhã, como uma espécie de protetor social, enfatizando o senso de cidadania, orientando a população acerca das infrações no trânsito e das atitudes irresponsáveis na fabricação dos veículos sem segurança. Em uma de suas falas, ameaça o prefeito: “Você pode tomar providências para que as leis de trânsito sejam cumpridas e as licenças de motorista sejam concedidas somente a motoristas responsáveis!” (WELDON, 2016, p. 49).

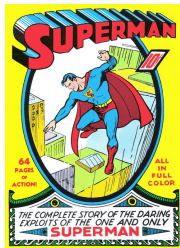
Nas histórias iniciais de Siegel e Shuster, a personalidade do *Superman* era rude e agressiva. O personagem interferia para parar ladrões, bandidos, mortes e violência doméstica, de forma mais brutal que nas histórias atuais. Ao longo das edições, outros autores suavizaram o personagem e incutiram um senso de idealismo e código moral de conduta. Embora não fosse sangue frio como Batman em seus primeiros contos, os quadrinhos de *Superman*, que apareceram na década de 1930, não se preocupavam com os danos que poderia causar a sua força, jogando vilões de modo que provavelmente morreriam, embora essas mortes fossem raramente mostradas explicitamente. Isto terminou em 1940, quando o novo editor, Whitney Ellsworth, assumiu os roteiros a partir do código de conduta obrigatório para seus personagens, o que não permitiria o *Superman* matar. Esta mudança refletiu-se nas histórias, em que, ocasionalmente, seja na narrativa ou no diálogo, *Superman* lembrava a valorização e proteção da vida humana, jurando, simbolicamente, que penduraria a capa e se aposentaria, caso o oposto acontecesse.

⁶⁸ Embora a capa da *Action Comics* n. 1 exiba o personagem de botas, no corpo do texto elas não estão inseridas

O fato é que a publicação da *Action Comics* nº 1, de 1938, superou o número de vendas, revelando o sucesso das histórias do personagem com a tiragem de 130 mil exemplares da revista esgotando-se rapidamente. Na edição de nº 16, já era de 625 mil exemplares vendidos, segundo Voloj e Campi (2018). O sucesso levou, em 1939, à criação de uma segunda revista dedicada às histórias do personagem, a homônima *Superman*.

4. Primeira revista

Em abril de 1939, o Super-Homem ganha sua primeira edição exclusiva com o título *Superman* nº 1⁶⁹. Esse fato inédito, até então, se deu com o sucesso de vendas e preferência entre os leitores, que iam até as lojas e pediam pela revista do *Superman*, em vez da *Action Comics*.



Primeira capa da revista do *Superman*, 1939.⁷⁰

Nessa versão o super-herói tem maior espaço, dessa forma, os autores ampliam detalhes acerca da origem que foram tratados superficialmente *Action Comics* nº 1, devido ao pouco espaço. Detalhes do foguete e a menção aos pais adotivos são retratados e incluídos à história anterior. *Superman* n. 1 apresenta o planeta distante, Krypton; nela o sábio cientista, Jor-El, pai biológico de *Superman*, descobre que seu mundo está condenado. O cientista tenta em vão alertar o Conselho local de que o planeta estava prestes a explodir, mas sua teoria foi considerada absurda.

⁶⁹ Observa-se a ausência de numeração na capa; assim como tem-se a afirmação de 64 páginas, sendo que o total da revista são 68 páginas.

⁷⁰ <http://hqmemoria.com/?p=241#.XceOajNKjIU>.

Então, junto à sua esposa, Lara, decide enviar, à moda de Moisés, seu recém-nascido filho, Kal-El, para um planeta que julgara ser adequado para a sobrevivência da criança: a Terra. Viajando pelo espaço, o foguete carregando o pequeno Kal-El chega à Terra e aterrissa na pequena cidade de Smallville, Kansas, onde é encontrado por um motorista, levado para um orfanato e adotado por bondoso casal de fazendeiros, Jonathan e Martha Kent.

Na publicação de 1939, sobre a origem de *Superman*, Barkman (2014, p. 129-30) observa a perspectiva religiosa, envolvendo a mitologia do nome alienígena “Kal-El”, do hebraico, sugerindo uma conexão entre Deus e o *Superman*, uma vez que “El” significa “Deus” e “Kal”, “estrela”, ou seja, “filho das estrelas”. Como Jesus, seu nascimento é apresentado em uma das histórias como tendo sido anunciado pela estrela de Belém. O autor ainda destaca que

O *el* hebraico não necessariamente implica uma identidade com Deus, pois poderia simplesmente sugerir uma servidão a Deus e sua correção (como no caso do nome do anjo Gabriel). Ademais, o Super-Homem foi inicialmente mostrado como fazendo atos de justiça, como prevenindo a violência doméstica e prendendo gângsteres – frequentemente de modo bem rudimentar e não idealizado. Isso sugere que nessa época o Super-Homem era mais como um anjo, ou Jesus o que cura e o sacerdote, do que o Cristo como figura cósmica. Assim, embora os atos locais de heroísmo e de cura de Jesus e do Super-Homem devam ser vistos como representantes da pureza de seus corações e da devoção aos mais fracos, tais atos, ao menos por conta própria, não são os de um verdadeiro herói mítico. Representando um desafio direto ao ideal de Nietzsche, o Super-Homem estava iniciando o caminho para se tornar uma figura similar a Cristo quando foi novamente imaginado na década de 1930. (BARKMAN, 2014)

Segundo essa interpretação, os detalhes da origem do *Superman*, na edição de 1939, remetem a um modelo de Cristo e, ao mesmo tempo, essa reinvenção do *Superman* se afasta do super-homem de Nietzsche, como já comentado neste trabalho. Entre os aspectos do herói da *DC Comics* ligados à figura de Jesus Cristo, estão os descritos por Barkman (2014):

A mãe adotiva do Homem de Aço é Martha Kent, que originalmente se chamava Mary, e seu pai adotivo, cujo nome foi dado em uma edição posterior, é Jonathan Joseph Kent. Embora essa alusão mais tarde ficasse menos clara pela mudança de “Mary” para “Martha”, ela reaparece no episódio de estreia da série televisiva *Smallville*. (BARKMAN, 2014, p. 128)

Além desses aspectos acerca da origem dos nomes, em outras pas-

sagens da obra verifica-se o vínculo da história do *Superman* com a história da Sagrada Família Cristã representado pelos autores. Quando Siegel e Shuster começam a escrever tiras semanais para o jornal, há um alargamento das associações entre o texto das tiras e passagens da Bíblia Católica. Sendo assim, ao explicar a investigação de Jor-El sobre a situação de Krypton, parafraseia uma passagem bíblica “E então, no quinto dia, Jor-El descobre a terrível verdade...”, referindo-se à iminente destruição do planeta; a paráfrase retoma o texto da criação do mundo segundo Gênesis.

Morrinson (2012) associa a origem do *Superman* à história de Jesus, apresentando a questão do sacrifício vicário. O autor entende que assim como Jesus, enviado por Deus para a remissão dos pecados da humanidade, *Superman*, enviado por Jor-El (pai celestial), também tem um preço a pagar pela sua posição de ensinar as pessoas a resolverem seus problemas e se redimirem pelo exemplo de justiça e honra. Nesse sentido, “*Superman* dos quadrinhos tornou-se um herói da versão judaico-cristã, que aceitou o amor pelos mais fracos”, aproximando *Superman* e Jesus tanto nas atitudes quanto nas concepções de bondade e de altruísmo (GOMES; BARBOSA, 2019, p. 143).

Sobre o comportamento de salvador do herói, Bogaerts (2014, p. 104) define as facetas da década de 1930 como uma construção mais eloquente nas ações e na forma de lidar com os problemas sociais da elite corrupta de Metrópolis. Já em relação aos “valentões”, lida com dureza e hostilidade, porém, mesmo operando “fora da lei, seu direcionamento moral estava em sintonia com os valores e ideais com os quais ele foi criado”. Sendo assim, reforça valores morais já existentes voltados à “transgressão das leis”. Como o autor ainda afirma, *Superman* “se deslocava para a Era de Prata dos Quadrinhos, seus poderes aumentaram exponencialmente, bem como seu amor pela humanidade e sua adesão à verdade, justiça e ao modo americano de vida” (BOGAERTS, 2014, p. 105).

Dentre as facetas do herói, a partir de 1939, diversas representações ocupariam as páginas de quadrinhos diante de cenários que evidenciavam a necessidade de (re)elaboração da história ou de elementos fundamentais que explicassem habilidades ou explorassem contextos como o da segunda Guerra Mundial, por exemplo. Nas tiras de jornais, *Superman* lutou contra os nazistas, em 1940, antes mesmo dos Estados Unidos entrarem na guerra, antecipando a icônica capa da Marvel com o Capitão América desferindo um soco no rosto de Hitler no ano seguinte. No mesmo ano, a revista *Look* chegou às bancas e encomendou para Siegel e

Shuster uma história contando “Como *Superman* poria fim à guerra”. Os autores criaram, então, uma história intitulada *Superman captura Hitler e Stálin*. Nela, *Superman* agarra Adolf Hitler pelo pescoço e decola levando-o aos berros. Em seguida, captura Joseph Stálin e decola, levando os dois para a Liga da Nações em Genebra, Suíça, para serem julgados sob a seguinte alegação do Homem de Aço: “trouxe os dois canalhas loucos por poder responsáveis pelos atuais males da Europa” (WELDON, 2012, p. 60).

A revista *Superman* foi publicada em abril de 1939, mas com capa de junho. Essa estratégia, segundo Voloj e Campi (2018), servia para que as revistas não ficassem ultrapassadas nas bancas. No mês de junho o sucesso de *Superman* foi tanto que a primeira tiragem, de meio milhão de exemplares, esgotou-se rapidamente, fazendo com que a segunda e a terceira também tivessem seus exemplares todos vendidos. Devido a todo esse crescimento de vendas, Shuster e Siegel contrataram uma equipe de artistas para ajudar na coloração e letreiramento dos quadrinhos. No começo eles tinham liberdade para criar o que quisessem, mas depois da proporção que *Superman* teve, os enredos com armas e facas usados por heróis quando fantasiados deveriam ser evitados.

5. Poderes e facetas do herói

Os detalhes da origem do *Superman*, relacionamentos e habilidades, mudaram significativamente ao longo das publicações, seja nos quadrinhos, no rádio, no jornal ou no cinema. Nas primeiras histórias em quadrinhos, os poderes do Super-Homem foram relativamente limitados, consistindo de força sobre-humana, capaz de levantar um carro sobre a cabeça, correr a velocidades incríveis e saltar uma distância de duzentos metros de um prédio a outro. A resistência da pele não permitia que projéteis a atravessassem. Weldon (2016) explica sobre os poderes alienígenas de *Superman*, por meio da justificativa de Siegel e Shustera respeito de Clark Kent na seguinte comparação:

Kent veio de um planeta cuja estrutura física dos habitantes era milhões de anos mais avançada que a nossa. Ao alcançar a maturidade, as pessoas de sua raça eram dotadas de força descomunal. Incrível? Não! A formiga é capaz de carregar algo centenas de vezes mais pesado que ela. O gafanhoto salta o que, para um homem, seria o espaço de vários quarteirões. (WELDON, 2012, p. 32)

Quando Robert Maxuwell foi contratado para levar as aventuras

de *Superman* para a rádio e outras mídias, em 1939, achou difícil incentivar *Superman* saltar com frequência, por isso o programa trocou os saltos pela capacidade de voar. Este foi conveniente também para os desenhos de Fleischer nas animações, especialmente para curtas-metragens que de outra forma teriam gasto um tempo precioso em animar Clark Kent se movimentando de um lugar para outro. No entanto, só em 1943 o herói “foi desenhado voando na página dos quadrinhos” (WELDON, 2012, p. 58).

Em 1943, a mudança física do *Superman* é observada por Weldon (2016, p. 83) como efetuada por Shuster por fisiculturismo, por isso desenha o personagem com auxílio de Wayne Boring ressaltando aspectos de um herói que poderia “vencer qualquer disputa: deltoides grandes e arredondados, peitorais grossos, um tronco que estreitava na linha da cintura formando um V drástico”. No ano seguinte, em 1944, um elemento crucial que representaria a destruição da invencibilidade do Homem de Aço, surge primeiramente no programa de rádio: a kryptonita. Nos quadrinhos essa versão só chega pela interferência de Al Plastino, em 1949, em *Superman* n. 16.

Conforme Weldon (2012), devido ao encerramento do contrato de Siegel e Shuster, em 1948, Bill Finger e Wayne Boring assumem mais uma versão do personagem, recriando “A origem do *Superman*”. Nessa nova faceta, a explicação sobre Krypton é atribuída a efeitos catastróficos do planeta, semelhantes a uma bomba atômica. Diferente da origem inicial, os Kent encontram a criança na nave e o levam para um orfanato. Depois se disponibilizam a adotá-lo. O lado familiar de Clark é mais desenvolvido, demonstrando envolvimento emocional e valorização de princípios repassados pelos pais adotivos. Fisicamente, esse “novo” *Superman* sofre algumas alterações em relação à altura, Boring o desenha mais alto, dando assim, maior imponência ao herói. O voo também é um recurso delineado com traços mais sutis, que sugerem menos necessidade de impulso ou força no lançamento, para que o voo transmita a sensação de maior destreza e suavidade.

Na década de 1980, o Homem de Aço teve novamente sua origem recontada por diversos roteiristas, assim como estreia de filmes como *Superman*, em 1978, *Superman II*, em 1981, *Superman III*, em 1983 e *Superman IV* em 1987. No ano de 1986, o roteirista John Byrne elabora uma faceta distinta em relação a muitos aspectos da origem e do comportamento do herói. O S no peito foi modificado e ele ganhou uma capa mais longa e imponente. O penteadado também sofreu alterações deixando-

o mais jovem, com um volume menor nas laterais e maior na altura. Outra mudança está na presença dos pais adotivos de Clark que, nessa versão, permanecem vivos.

Weldon (2012) comenta a criação dos multiversos nos quadrinhos, ou, como ficou intitulado, *Um vislumbre de dois mundos*, produzido na década de 1961, com uma técnica narrativa baseada em uma dimensão paralela, com história dos heróis da DC. Essa abordagem permitiu maior exploração do universo dos personagens com histórias e versões diferentes do mesmo herói, assim como também facilitou explicar a existência dos novos heróis como a *Supergirl* e o *Superboy*. Em 1985, esses multiversos foram reunidos em uma saga do Universo DC, intitulada *Crise nas terras infinitas*, com intuito de eliminar décadas de continuidades confusas e, muitas vezes, contraditórias acerca do *Superman*, em suas origens nos variados universos: Terra 1 (a principal continuidade), Terra 2 (os heróis da Era de Ouro), Terra 3 (os super-seresões déspotas vis), Terra C (animais engraçados), Terra-S (Família Marvel, personagens adquiridos da editora Fawcett), Terra-X (nazistas venceram a Segunda Guerra) ou Terra-Prime (nossa Terra, onde os super-heróis vivem nos quadrinhos). A publicação dessa união foi feita em forma de minissérie, em doze edições até 1986, e mudou a história do Universo DC.

Nesse ínterim, Frank Miller, publicou *O Cavaleiro das Trevas*, minissérie que mostra um Batman já aposentado, reelaborando, assim, a forma de narrar e contar histórias de super-heróis. Nessa obra Miller descreve o Homem de Aço como um “fante obediente e facista”, tanto que ocorre uma batalha entre Batman e *Superman*, algo inédito na época, sobretudo para dois personagens que eram amigos. Neste mesmo ano, o editor, Julius Schwartz, decidiu publicar uma história final para o *Superman*, uma vez que as vendas haviam diminuído e tudo sinalizava para o fim da Era de Prata e para a chance de modificar o fio da narrativa de Shuster e Siegel. A história foi escrita por Alan Moore e ilustrada por Curt Swan, George Perez e Kurt Schaffenberger.

Nas histórias seguintes, a partir de 1986, John Byrne fica encarregado de reconstruir o personagem desde o início, representando um renascimento do Homem de Aço desde sua origem. Diversos outros escritores e desenhistas levaram adiante a tarefa de desenvolver histórias marcadas por aventuras que se dividiram entre a realidade e a imaginação, inclusive entre a vida e a morte de *Superman*, como anunciado em 1992. Observa-se que, ao longo dos anos, devido às mudanças contextuais tanto em decorrência da segunda Guerra, da publicação de outros quadri-

nhos de heróis, do surgimento de outras mídias como a rádio e o cinema, as mudanças foram inevitáveis. Sobretudo, porque nas mãos de outros criadores, *Superman* “seria transformado constante e radicalmente nas sete décadas seguintes, para manter-se atualizado com – ou, em alguns casos, prever – abalos sísmicos na moda, na política e nos perfis demográficos de público” (MORRINSON, 2012, p. 31).

6. Considerações

Nesses mais de 80 anos de existência do Homem de Aço, e nas suas mais variadas versões, observa-se que o elemento primordial do herói não se transfigurou por total. As demandas por acrescentar elementos à origem ou aos poderes são traços que se somam ao personagem originalmente instaurado. Morrinson (2012) comenta sobre a estabilidade do herói como sendo mais real que a dos próprios roteiristas, uma vez que estes moldam-se à sua existência anteriormente estabelecida, entrando em um universo já traçado e reativando-o com facetas que renovam ou aprimoram, mas nunca excluem. Essa é a fórmula: não o modificar demais, pois assim a essência se perderia e não se ajustaria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGAERTS, A. A Redescoberta do *Übermensch* de Nietzsche no Super-Homem como Ideal Heroico. In: IRWIN, W.; WHITE, M. D. *Superman e a filosofia: o que o Homem de Aço faria?*. Trad. de João Barata. São Paulo: Madras, 2014.

BARKAMAN, A. Super-Homem: de Anticristo a Arquétipo de Cristo. In: IRWIN, W.; WHITE, M. D. *Superman e a filosofia: o que o Homem de Aço faria?*. Trad. de João Barata. São Paulo: Madras, 2014.

BOGAERTS, a. A Redescoberta do *Übermensch* de Nietzsche no Super-homem como Ideal Heroico. In: IRWIN, W.; WHITE, M. D. *Superman e a filosofia: o que o Homem de Aço faria?*. Trad. de João Barata. São Paulo: Madras, 2014.

BORGO, É. *O Homem de Aço: Novo filme de Superman resgata paralelos com Jesus Cristo*. 2018. Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/superman-homem-de-aco-man-of-steel/o-homem-de-aco-novo-filme-de-superman-resgata-paralelos-com-jesus-cristo>>. Acesso em 21 abril. 2019.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

FRAN R. *Superman: A Origem de um Mito*. Disponível em: <https://www.planocritico.com/entenda-melhor-superman-a-origem-de-um-mito/>. Acesso em 09/11/2019.

GOMES, N. dos S.; BARBOSA, V. L. *O aspecto messiânico do Superman na graphic novel Reino do Amanhã de Mark Waid e Alex Ross*. Teoliterária V. 9, n. 18, 2019.

MORRINSON, G. *Superdeuses*. Tradução Érico Assis. São Paulo: Seoman, 2012.

VERGUEIRO, W. *Pesquisa acadêmica em histórias em quadrinhos*. 1. ed. São Paulo: Criativo, 2017.

VOLOJ, J.; CAMPI, T. *A história de Joe Shuster: o artista por trás do Superman*. São Paulo: Aleph, 2018.

WELDON, G. *A biografia não autorizada do Superman*. Trad. de Débora Guimarães Isidoro. 1. ed. São Paulo: Leya, 2016.